



O APARECIMENTO DA TEMPORALIDADE NO MUNDO ATRAVÉS DA REALIDADE HUMANA: UMA INVESTIGAÇÃO DA RELAÇÃO DO SER-EM-SI COM O SER-PARA-SI COMO FALTA

Lucas Rodrigues da Fonseca Lopes (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Cristiano Perius (Orientador), e-mail: lucas_rodrigues_lopess@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Filosofia, Metafísica.

Palavras-chave: Temporalidade, Sartre, Ser-Para-si.

Resumo:

Segundo Sartre, o único modo de estudar a temporalidade é vê-la como uma totalidade. Se porventura vemos o tempo como uma soma de infinitos presentes, corremos o risco de cair em um erro muito comum, visto que o presente não existe senão como delimitação daquilo que ainda não é e daquilo que já foi. Por exemplo, se esperamos o futuro como “presente que ainda não se concretizou”, no momento em que ele for já não será mais e se tornará “presente já ocorrido”. Consequentemente, não poderíamos falar das dimensões temporais, pois recairiam em um nada, um não-ser. Porém agora se faz necessário que olhemos para cada um dos componentes dessa totalidade de maneira isolada, tendo em mente que isto é feito sobre um “fundo” de completude da dimensão temporal. O intencional da consciência parece ser a chave para a compreensão da unidade sintética das dimensões temporais. Esta unidade representa, por sua vez, a própria unidade da consciência enquanto permanência que se faz múltipla no fluxo temporal. Assim é que as dimensões da temporalidade se correlacionam tornam-se uma só à medida que o tempo vem ao mundo.

Introdução

Segundo Jean-Paul Sartre, a temporalidade se constitui através do movimento da consciência em busca de seus possíveis. Deste modo o autor





nos coloca diante de uma consciência que é dotada de uma leveza e uma translucidez que são singulares ao modo de ser Para-si. Somos então levados a investigar como se caracteriza esse modo de ser, e ainda, como essa consciência se relaciona com o mundo que a situa. Porém, a consciência explode no mundo em um ato de pura liberdade, nos revelando uma fissura existente entre o Para-si e a sua falta de ser. Essa falta empenha um sentido ontológico existencial elementar para definição dos projetos que surgem na realidade humana. Uma vez que, essa falta é uma consequência da nossa existência livre e carente de fundamentos. O homem é lançado por sua existência em busca desse “algo” para preencher a sua falta, motivando a consciência ir em direção ao si. Logo, o Para-si sendo essa falta de ser se determina como não-ser. Significa que só pode se fundamentar a partir do Em-si e contra o Em-si. Sendo uma ligação de nadificação entre o Em-si e o Para-si. O Em-si é completo em si mesmo, aquilo que é e que encerra em sua substancialidade. O Para-si define-se então como pura presença, como um “estar diante de...”, e em seu movimento intencional como um “atirar-se a...”. Este movimento intencional estabelece uma consciência que não é outra coisa senão o perpétuo transcender em direção ao mundo. Em um primeiro nível de consciência o sujeito se refere diretamente ao mundo sendo uma consciência “reflexionante”. Diante deste primeiro nível posiciona-se a consciência “reflexiva”, ou seja, uma intencionalidade apoiada em uma consciência passada, cruzada entre esta e o mundo resultando em um terceiro nível: a consciência “refletida”, que nada mais é do que a consciência sintética destes dois momentos. Por sua vez, a temporalidade funda-se através deste movimento da consciência que se posiciona diante a outra, refletido ao refletidor, e o refletidor ao refletido. Pois, é captada uma realidade que não é nada do que a consciência é, e projetada outra realidade que ela não é. Este movimento existe enquanto uma possibilidade, uma remissão a liberdade. O Para-si se identifica com o que ele não é, e se projeta temporalmente a um ser, ou seja, busca um Em-si que é apenas um reflexo, um possível ser. Porém, “É no tempo que o Para-si é seus possíveis no modo de “não ser”, é no tempo que meus limites aparecem nos limites do mundo que tornam meu” (SARTRE, 2003 p. 157). O Para-si só pode ir em direção aos seus possíveis quando eles se localizam em um tempo que ainda não é. Deste modo, a temporalidade coloca o movimento em busca dos possíveis, sem a temporalidade não poderíamos pensar em uma nadificação efetuada pelo Para-si (AIRES, 2007 p.57). O autor busca romper com a visão de tomar o fenômeno temporal como em si mesmo, mas sim fazendo parte de uma





infra-estrutura, fazendo parte do Para-si. É a consciência que “temporaliza”. O Para-si é o que permite o aparecimento da temporalidade no mundo, através da sua falta é constituída as dimensões temporais e as relações entre elas mantendo assim a “síntese original” (SARTRE, 2003 P. 157).

Revisão de Literatura

Leitura e interpretação de textos previamente definidos (cf. Referências) e produção textual, utilizando como eixo principal de análise para a pesquisa a obra “O Ser e o Nada” de Jean-Paul Sartre.

Resultados e Discussão

A falta tem importante papel sobre as três dimensões temporais visto que se faz aparecer como lembrança (Passado) do ser, se revela em movimento de fuga (Presença) ao ser que rumo para supri-la no futuro. O Passado nos aparece como um Em-si concreto no qual somos condenados a carrega-lo. “Assim, o ser no passado solidificou-se numa densidade da qual o homem não pode se livrar, condenando-o a carregar nos ombros e por onde for o peso de ter tido um ser.” (DANELON, 2005 P. 108). Sua relação com a realidade aparece de modo em que o Para-si nega-o, estabelecendo com essa negatividade aquilo que ele é. Sendo que tenho de ser meu passado. E a partir de sua negação o Para-si consegue estabelecer o que ele é no presente e projetar-se para frente. O presente por sua vez sendo um Para-si, tem seu ser alçado no nada, sendo então “presença a...” qual através de uma relação de negatividade consegue ser presente aos outros seres que estão presente a ele. O presente coloca os seres em uma relação de co-presença. Além disso, o presente nos lança a uma fuga rumo a algo que lhe falta, sendo a necessidade do ser do Para-si de suprir-se. Assim, através desta fuga do Para-si é constituído o ek-stase futuro, sendo como um “tem-de-ser”, a evasão do ser. O futuro coloca ao Para-si o seu movimento de fuga, de busca para aquilo que lhe falta, um direcionamento do Para-si frente aos seus possíveis. Desta forma, conseguimos observar como o Para-si estabelece a unidade sintética nas três formas temporais, tornando impossível separá-las e tratá-las de modo isoladas. Pois, o homem está condenado a se projetar constantemente, construindo assim a continuidade temporal.





Conclusões

Ao pensarmos a temporalidade não podemos considerá-la como uma sequência de instantes, pois isso nos leva a um erro. De fato, não há maneira de tomarmos a temporalidade senão sob esse aspecto que unifica suas três dimensões. É esse o modo de ser da temporalidade que aponta Alain Flajoliet quando diz que “A temporalidade é uma unidade que se multiplica, uma multiplicidade que se unifica” (FLAJOLIET, 2005, p 80). Pois da multiplicidade das dimensões temporais temos de retornar à unidade da consciência que lança ao mundo esta temporalidade. A temporalidade separa a realidade humana do possível que ela não é do nada que ela é tendo-sido (AIRES, 2007, p 58). A consciência sustenta o passado, presente e o futuro, e esta unidade temporal faz com que o homem viva seus instantes e através disso construa a sua vida. Assim, o tempo se torna presente para a realidade humana.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Cristiano Perius pela orientação, ao Brian Augusto de Sousa pela coautoria nesta pesquisa e à Universidade Estadual de Maringá pela bolsa de iniciação científica.

Referências

AIRES, M. G. **O Conceito de consciência em O Ser e o Nada de J. P. Sartre**. 2007. Tese (Mestrado) - Programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal 2007.

DANELON, M. A Temporalidade na constituição da consciência na antropologia sartreana. **Reflexão**, Campinas, 30(87), p. 95-110, jan./jun., 2005.

FLAJOLIET, A. Ipséité et temporalité. In: BARBARAS, R. **Sartre – Désir et Liberté**. Presses universitaires de France. Paris, 2005

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Editora Vozes, Petrópolis. 22ª Edição, 2003. *L'Être et Le Néant – Essai d'Ontologie Phénoménologique*. Ed. Gallimard, Paris, 1943.

